

um cão e uma casa e outros animais de Luís Paulo Costa na Galeria Pedro Oliveira

Inauguração Sábado, 14 Julho | 16h00

Antes das sombras,

Óscar Faria*

Em “um cão e uma casa e outros animais” Luís Paulo Costa apresenta um conjunto de trabalhos inéditos através dos quais dá continuidade à sua investigação acerca das relações, sempre ambíguas, entre uma imagem e o imaginário por ela produzido. Trata-se aqui também de sublinhar questões relacionadas com o tempo, quer seja o do fazer, quer seja o da recepção de uma obra de arte. E sempre tendo a pintura como meio preferencial de expressão. Pintando por cima, o artista repete, repete-se, até à exaustão, tornando assim instável o visível: é como se o mundo aparecesse diante dos nossos olhos sob uma forma nunca até então percebida e esta se renovasse a cada instante, deixando espaço a múltiplas interpretações. O que se vê quando se olha? “um cão e uma casa e outros animais”.

A exposição inclui dois plintos, brancos, exactamente com as mesmas medidas. Sobre um deles, Luís Paulo Costa coloca um objecto em bronze, pintado por cima de modo a replicar a maquete original: uma casa sem portas nem janelas construída em madeira de balsa. No outro, invisível num primeiro instante, o artista apresenta, apoiada no chão, uma pintura a óleo sobre papel, na qual se observa uma representação da escultura: essa habitação fechada sobre si, agora desfocada pela sobreposição de um acetato com a mesma imagem. Sublinhe-se ainda a sombra que se projecta na direcção do espectador, acentuando-se dessa forma as dificuldades de interpretação provocadas por essa passagem entre os territórios da pintura, da escultura e ainda da arquitectura. Apetece dizer: tudo o que é sólido dissolve-se na sua sombra.

A estes trabalhos o artista acrescenta dois grupos de pinturas. Num deles vêem-se mãos e braços pintadas no preciso instante em que tomam uma posição que irá permitir formar a sombra de um animal numa parede, contudo esta nunca se vê, fica fora de campo: o cão, o gato ou o coelho são apenas adivinhados ou então enunciados no título da respectiva obra. Há, contudo, uma dificuldade acrescida para quem observa estas obras, pois há sombras que se projectam sobre o corpo de quem se prepara para fazer esse mágico gesto de imitação. E de quem são as mãos? As do pintor? As de uma outra pessoa? Muitas perguntas, muitas dúvidas, pairam sobre esta série, a partir da qual essa tentativa de agarrar o real escapa por todos os lados.

Note-se que as mãos são uma das matérias mais glosadas ao longo da História da Arte: dos estudos anatómicos, às “Fifteen pairs of hands”, série de esculturas de Bruce Nauman, passando por “La Main”, de Alberto Giacometti, e ainda pelos estudos realizados por Anthony van Dyck, as representações desse órgão, ferramenta essencial da criação artística, são inesgotáveis. No caso da série agora revelada por Luís Paulo Costa – e que bem ficariam estas pinturas em diálogo com os bronzes do autor norte-americano -, as mãos e respectivos antebraços aparecem para sublinharem não só uma pose, mas também uma adivinhada sombra, devendo assim num imaginado animal, projectado algures numa parede (a origem da arte, nas cavernas pré-históricas encontra aqui um poderoso eco).

Em “The dark gaze”(The University of Chicago Press, 2004), Kevin Hart, tomando como ponto de partida a obra literária de Maurice Blanchot, aborda a questão da criação artística: “Esta procura inicia-se enquanto necessário movimento de negatividade: uma imagem forma-se de uma coisa (um objecto, um quadro, uma situação), e esta imagem transporta consigo o significado e a verdade da coisa. Este é o entendimento tradicional da imagem; a representação é mantida à distância daquilo que está a ser representado.” O teólogo inglês prossegue: “Contudo, ao permanecermos neste nível de entendimento, permitimos que a imagem clássica esconda no ser a relação de semelhança. Pois, tal como Lévinas, Blanchot insiste que um evento ou uma coisa se parece consigo, duplica-se na sua aparição, sendo simultaneamente ela própria e a sua imagem.”

No caso que nos ocupa aqui, os trabalhos de Luís Paulo Costa são simultaneamente mãos, sombras, animais. Nesse constante deslocar dos sentidos encontra-se a chave da sua interpretação. Pintadas por cima, estas obras são também duplas de si mesmas, como que nos querendo dizer da impossibilidade de chegar à sua essência. Voltamos a perguntar: a quem pertence este corpo? E as figuras do cão, do coelho, da águia, alguma vez surgiram numa parede? Pode portanto avançar-se com uma primeira hipótese de trabalho: mais do que de mãos, sombras, animais, as pinturas desta série falam-nos do invisível, daquilo que não se vê e também da linguagem e dos seus paradoxos. Ficamos suspensos de uma resposta que nunca chega, que nunca há de chegar.

Por último, a exposição inclui novas criações de uma série em progresso definida pelo artista como “falsos monocromáticos” e que têm sempre o mesmo título “Detail (advertising)”. As obras que fazem parte deste corpo de trabalho são compostas inteiramente por uma única cor retirada de um anúncio publicitário. Também aqui não temos acesso ao produto que nos é vendido. Pode apenas dizer-se que todas as sombras, todo o nosso imaginário, se pode projectar nestas telas. Não nos devemos contudo esquecer que se uma imagem nos pode ajudar a agarrarmo-nos ao real, a imaginação faz-nos perder o pé. Nada é aquilo que é.

* Porto, 1966. Investigador (Universidade Nova, Lisboa), curador e crítico de arte.

Patente: 17 Julho > 15 Setembro 2018 (encerrado Agosto)

Terça a Sábado das 15h às 20h

Galeria Pedro Oliveira

Calçada de Monchique, 3 . 4050-393 Porto

T. (+351) 222007131 | M. (+351) 918494794

gpo@galeriapedrooliveira.com | www.galeriapedrooliveira.com